

# Meditações: quarta-feira da XV semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na quarta-feira da XV semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Deus revela-se nas Escrituras; descobrir Deus na criação; os simples de coração.

- Deus revela-se nas Escrituras.
  - Descobrir Deus na criação.
  - Os simples de coração.
-

TODOS fomos criados à imagem e semelhança de Deus e temos um desejo intrínseco de nos unirmos ao nosso Criador. Isto, entre outros aspetos, manifesta-se numa procura constante de O conhecer melhor. No entanto, a nossa inteligência não pode, por si só, aceder aos seus mistérios mais íntimos. Por isso, o mais profundo do que sabemos sobre Deus recebemo-lo por Revelação, por aquilo que Ele mesmo nos deu a conhecer através dos escritores inspirados, dos profetas e, sobretudo, do seu próprio Filho.

Quando o Apóstolo Filipe pediu a Jesus que lhes mostrasse o Pai, a resposta foi imediata: «Quem Me viu, viu o Pai» (Jo 14, 9). Cristo é a imagem do Pai. O Deus invisível que apareceu a Moisés sob a forma de uma sarça ardente tem agora rosto e mãos. Além disso, apareceu como criança em Belém aos pastores (cf. Lc 2, 16-18), como adolescente entre os

doutores da Lei (cf. Lc 2, 41-50), como penitente diante de João Batista (cf. Mt 1, 4-11). As suas múltiplas expressões são a imagem do Deus Uno e Trino que caminha entre os homens. Por isso, um dos melhores caminhos para conhecermos Deus é a leitura e a meditação do Evangelho.

Escrevia S. Josemaria: «Sempre procurei, quando falava diante do presépio, olhar assim para Cristo Nossa Senhora, envolto em faixas, sobre a palha da manjedoura. E quando Ele é ainda uma criança e não diz nada, vê-lo como um médico, como um mestre. Preciso de olhar para Ele assim: porque tenho de aprender com Ele. E para aprender d'Ele, temos de procurar conhecer a Sua vida: ler o Santo Evangelho, meditar naquelas cenas que o Novo Testamento nos relata, para penetrar no sentido divino da caminhada terrena de Jesus»<sup>[1]</sup>. Ao ler o Evangelho, é o próprio Espírito Santo

que fala à nossa alma; ao mostrarnos cada vez mais profundamente quem é Deus, mostra-nos também a nossa constituição mais profunda: ao revelar-nos Deus, revela-nos a nós próprios.

---

MUITOS artistas, consciente ou inconscientemente, refletem muitas vezes uma parte de si próprios nas suas obras. De forma semelhante, Deus imprimiu uma parte de si mesmo quando criou o mundo.

«Junto da própria revelação, contida na Sagrada Escritura, há uma manifestação divina quando o sol brilha e quando a noite cai»<sup>[2]</sup>. Através da criação, podemos entrar no conhecimento de Deus; aquilo que nos fascina quando contemplamos o mar, uma montanha ou um pôr do

sol, reflete aspectos da sua natureza. Na contemplação do mundo criado, podemos descobrir algo de si próprio que o Senhor nos quer transmitir. «Por isso, a fé implica saber reconhecer o invisível, distinguindo os seus traços no mundo visível. O crente pode ler o grande livro da natureza e entender a sua linguagem (cf. Sal 19, 2-5)»<sup>[3]</sup>.

«Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho desmedido por nós. A terra, a água, as montanhas, tudo é carícia de Deus»<sup>[4]</sup>. S. Francisco de Assis soube reconhecer esta linguagem em tudo o que existia. Por isso, o seu coração sentia a necessidade de agradecer a Deus por tudo o que saiu das suas mãos: o sol, que ilumina o nosso dia; a lua e as estrelas, que nos mostram a beleza; o vento e as nuvens, que nos dão o sustento...<sup>[5]</sup> Como ensina o Catecismo da Igreja, «as várias criaturas, queridas no seu

próprio ser, refletem, cada uma a seu modo, um raio da sabedoria e da bondade infinitas de Deus»<sup>[6]</sup>. Esse espírito contemplativo fez com que os três jovens cantassem quando foram salvos por Deus do martírio: «Bendizei o Senhor, sol e lua, louvai-o e exaltai-o para sempre. Bendizei o Senhor, ó estrelas do céu, louvai-o e exaltai-o para sempre» (Dn 3, 62-63), seguido de todas as montanhas, picos, aves, animais selvagens e nascentes.

---

«EU TE DOU GRAÇAS, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos» (Mt 11, 25). Deus quis revelar-se a todos, e a simplicidade de coração é a melhor maneira de o reconhecer. No Antigo

Testamento, quando o profeta Samuel procurava um novo rei para Israel, o escolhido foi David, o mais novo dos seus irmãos, que o seu pai nem sequer considerava como possível candidato. Jesus, ao pensar nos pilares do novo povo de Deus, a Igreja, escolheu homens que não eram conhecidos pela sua sabedoria: quase todos eram pessoas comuns, que ganhavam a vida com o seu trabalho manual.

Por vezes, podemos pensar que o Senhor nos escolhe por causa das nossas qualidades. Além do facto de os textos bíblicos nos mostrarem o contrário – que Deus escolhe precisamente os fracos – tal abordagem é perigosa, porque não nos pode amparar quando experimentamos a nossa fraqueza. É por isso que S. Paulo convida os cristãos de Corinto a considerar a particularidade da sua vocação: «Vede quem sois vós, os que Deus

chamou: não há muitos sábios, naturalmente falando, nem muitos influentes, nem muitos bem-nascidos. Mas Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo para confundir os sábios; escolheu o que é fraco para confundir os fortes» (1Cor 1, 26-27).

Jesus não nos chama segundo critérios humanos. Ele vai para além das aparências: conhece perfeitamente os nossos defeitos e, por isso, só nos pede simplicidade de coração. «Jesus comprehende as nossas fraquezas e atrai-nos para si, como se estivéssemos num plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco mais, dia após dia»<sup>[7]</sup>. A Virgem Maria foi escolhida como Mãe de Deus por causa da sua simplicidade e discrição. Podemos recorrer a ela para que conquiste para nós um coração cada vez mais parecido ao seu.

---

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 14.

[2] S. João Paulo II, Audiência, 02/08/2000.

[3] Bento XVI, Audiência, 06/02/2013.

[4] Francisco, *Laudato si'*, n. 84.

[5] cf. S. Francisco de Assis, *Cântico das criaturas*: FF 263.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 339.

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 75.

---

meditacoes-quarta-feira-da-xv-semana-  
do-tempo-comum/ (23/02/2026)